

MEU MUNDO SOBRENATURAL

CONTOS E POEMAS



ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA OU CONTO

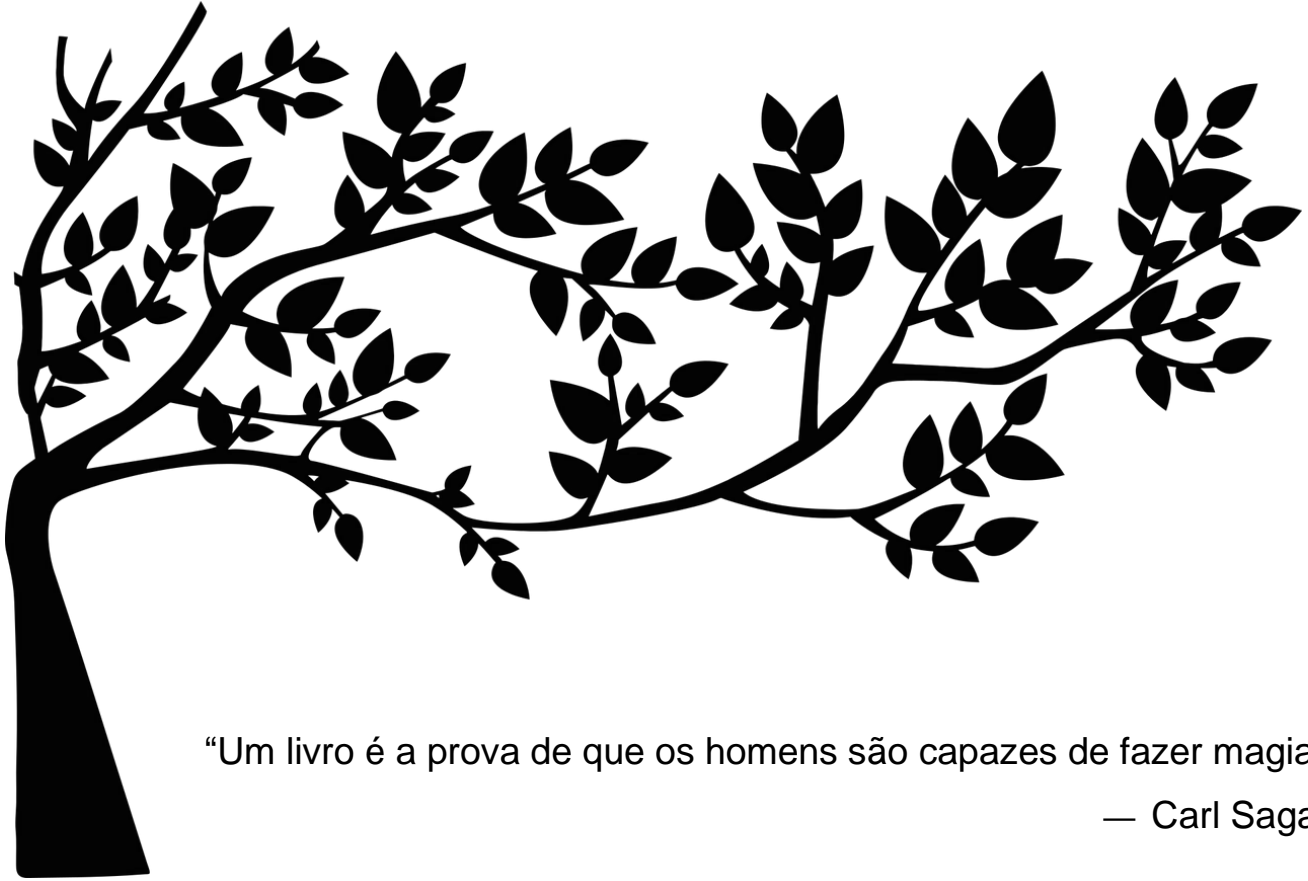
Cassandra Corbu, por Ademir Pascale, pág. 05
O balanço da velha árvore, por Ademir Pascale, pág. 09
Sobrenatural, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 12
Golpe de misericórdia, por Guilherme Tadeu Costa da Cruz, pág. 14
Eu não poderia ter contado esta história, por Guilherme Tadeu Costa da Cruz, pág. 20
O visitante, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 27
Destinos, por Leila Krüger, pág. 30
O menino que amava os monstros, por Roberto Schima, pág. 32
Conheça outros títulos da coleção, pág. 41

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:
www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima
www.instagram.com/revistaprojetoautoestima





“Um livro é a prova de que os homens são capazes de fazer magia.”

— Carl Sagan



APRESENTAMOS O CONTO
CASSANDRA CORBU

Por Ademir Pascale

Ademir Pascale é paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Autor do romance "O Clube de leitura de Edgar Allan Poe", organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Contato: ademirpascale@gmail.com

Sul da França. Aldeia de Rennes-le-Château, em algum dia de Outono do ano de 947 d.C.

Desde criança, eu enxergava coisas que os outros não enxergavam... O que eu via? Pessoas... mas não pessoas normais de carne e osso; enxergava espectros...

Tudo começou quando eu tinha apenas 14 anos de idade, com meu primeiro namorado; David Uriel — este era o seu nome. Nas tardes de Outono, costumávamos passear de nossas casas até os portões de uma antiga abadia. O caminho era curto, mas a prosa era longa. Não saberia dizer de onde desencadeávamos tantos assuntos. Sentia-me bem ao seu lado... sua expressão era sempre sorridente; seu espírito tinha uma força benevolente e sua fala era talhada de sabedoria e cordialidade. As minhas perguntas eram sempre supridas com elucidativas respostas, porém, em uma tarde como todas as outras, não o encontrei ao pôr-do-sol, no lugar onde sempre costumávamos nos encontrar; no final do grande jardim de Peônias de minha casa. Esperei por uma eternidade; uma longa eternidade... O desespero tomou conta do meu ser de tal maneira, que não mais enxergava os mesmos de minha espécie. Passei a vaguear com meus amigos invisíveis, mas a falta de David era grande, e, o que parecia uma simples tarde de outono, se tornou em uma terrível e diabólica armação do destino, talvez proposital, pois se não fosse por tal acontecimento, jamais saberia que seria capaz de tal feito, pois nesta insana e desesperada busca, visualizei David com outra atrás da nossa costumeira abadia, onde dizem ser assombrada pelos demônios. Quando notei tal cena, ouvi os gritos dos espectros que me acompanhavam; estavam aparentemente assustados e giravam descontroladamente em círculos ao meu redor. Senti um fervor correr em minhas veias e, pela primeira vez, entrei em transe e visualizei imagens de mundos paralelos; vi seres indescritíveis e descomunais em tamanho; vi mundos habitados longe do nosso sistema solar — algo que só foi descoberto pelos estudiosos em um futuro muito distante —; vi o céu e os seus anjos salvadores, mas também vi o inferno e a sua legião de demônios alados, e, estranhamente, notei que todos - sem exceções —, estavam dentro de um

gigantesco útero; o útero vivo de uma grande mãe, de um ser descomunal; de uma Deusa; de uma mãe progenitora. Aquele momento pareceu durar uma eternidade, mas quando voltei a enxergar o meu plano terrestre, notei que aquele que me jurou amor, estava na mesma e traidora posição. Meu vasto ódio desencadeou um poder de destruição, gerando a morte de toda a vegetação dos quais meus olhos poderiam alcançar. Aquele tedioso crepúsculo logo se tornou em trevas, bolas de fogo caíram do céu como pequenos cometas, e, ao se aproximarem, percebi que eram estranhos e antigos espectros em suas reluzentes armaduras adentrados em grandes e equipadas carruagens de fogo puxadas por robustos e fantasmagóricos cavalos, que, ao chegarem ao solo, saltavam de suas carruagens iniciando uma desritimada e frenética dança que, talvez em outrora, fosse um ritual para o início de uma grande batalha; enquanto que um som de tamborins - imperceptível para os ouvidos humanos —, acompanhava paralelamente aquele estranho ritual. Os trovões se mostravam impetuosos, anunciando uma grande tempestade, e, naquela noite, o *caos* tomou conta da pequena e pacata aldeia de Rennes-le-Château. Todos os moradores da pequena aldeia corriam, e eu continuei imóvel; molhada de tal maneira, que não se percebia se estava vestida ou simplesmente, nua. Visualizei o abade François fazendo o sinal da cruz desenfreadamente em uma das torres da antiga abadia, a qual ele mesmo intitulou de Torre Magdala. Uma matilha de cães entrou em alvoroço; corriam, escorregavam e rolavam na lama juntamente dos transeuntes que procuravam desesperadamente por um abrigo. David tentou proteger a jovem garota com sua capa, mas a força da chuva era tão aterradora, que nem as telhas conseguiam proteger suas casas.

David me viu; na chuva e imóvel. Seus grandes olhos negros penetraram os meus. A garota nada entendia, apenas puxava o assustado garoto para dentro da abadia, como se isso fosse salvá-lo da traição. Naquele momento, senti meu espírito saindo do meu corpo e do alto, notei aquelas moradias pálidas e aqueles vultos correndo em lamacentas ruas de um lado para o outro e, também pude me notar, lá embaixo, no meio daquele nefasto *caos*, dentro de um grande círculo de fogo, encharcada, estática, traída... percebi que o

que acontecia, era algo vindo do meu interior; eu tinha desencadeado uma força que ainda não conhecia, então, notei que não era como David e sua nova garota, nem como minha mãe, meus irmãos, o abade François ou minhas amigas... eu era diferente... diferente de todos eles; diferente de todos daquela maldita aldeia... quem sabe diferente de todos deste mundo...

Dez anos se passaram, era uma mulher feita, com 24 anos de idade, cabelos longos, corpo de guerreira, olhar sério; penetrante e carregado de mistérios. Elucidativamente, tinha entendido quem realmente era — Diana; Maria Madalena; Melusina; Perséfone; Afrodite; Hera; Astartéia; Hebe; Amaltéia; Ártemis; Íris; todas as sete Míades e Éris, a deusa da Discórdia —, todas se manifestavam como uma grande torrente nesta pequena e jovem matéria chamada Cassandra Corbu. Meus pés costumeiramente nus mantinham contato direto com a mãe terra e todos os seus filhos e seres mágicos. As dualidades entre as minhas manifestações eram irracionais, mas de uma coisa eu tinha certeza, muitas aventuras me aguardavam nesta incrível terra cheia de mistérios e povos ainda desconhecidos.

Essa foi uma das histórias da minha vida e o que virá pela frente, serão outras histórias e, se um dia você se deparar com uma mulher com o perfil que descrevi, não se esqueça, ela poderá se chamar Cassandra Corbu.



A woman in a dark, hooded cloak stands in a stone archway, holding two glowing blue spheres. The scene is set in a dark, stone-walled room with a tiled floor. Several knives are scattered on the floor in the foreground. The background is a bright blue light coming from the archway.

APRESENTAMOS O CONTO

○ BALANÇO DA VELHA ÁRVORE

Por Ademir Pascale

Ademir Pascale é paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Autor do romance "O Clube de leitura de Edgar Allan Poe", organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Contato: ademirpascale@gmail.com

O vento açoita as árvores impiedosamente. Ao longe, o negrume no céu anuncia que logo virá uma forte tempestade. Respingos de água já caem no descampado e no grande vidro da janela do antigo casarão que está à venda. Um pequeno dedo indicador traça a silhueta de uma carinha triste no vidro embaçado da janela do quarto do primeiro andar, enquanto olhos miúdos e semicerrados observam algo lá fora:

— Pai, quem é aquele menino no balanço lá fora? — diz Giulian, olhando para o galho de uma grande árvore no meio do quintal do casarão, enquanto seu pai conversa com o corretor de imóveis.

— Mas por que faz tanto tempo que esta casa está à venda? O preço até que não está tão alto assim, se considerarmos a quantidade de cômodos, a localização e a área de lazer — diz Peterson, acariciando sua longa barba.

— Pois é... Acredita em destino? Eu acredito e essa casa certamente ainda não foi vendida porque já estava destinada para você e sua família — diz o corretor, com seu grande papo enquanto tenta descobrir o que tanto Giulian olha lá fora.

— Pai, pai, o menino está olhando pra cá...

— Não me interrompa agora, Giulian. Que menino o quê? Com uma ventania dessas e com essa tempestade que vai cair, que garoto seria louco de ficar num balanço de uma velha árvore? Fora isso, não tem ninguém aqui ou lá fora a não ser nós três. Comporte-se, certo? Estou tentando comprar essa casa para fazer uma surpresa para a sua mãe. Bom, vamos lá. Sei que o preço não está tão alto, mas o pagamento será à vista. Tente dar um descontinho pra gente fechar negócio. Você sabe que eu ainda irei gastar com a papelada e tudo mais — diz Peterson para o corretor.

— Certo, certo. Tenho certeza que o senhor está fazendo uma boa escolha. Consigo um descontinho, mas só porque é para o senhor. Vamos deixar o garoto aqui e vamos lá para a sala ao lado.

Peterson e o corretor saem do quarto conversando, enquanto que Giulian, sem perceber que eles saíram, continua a olhar lá fora. Mas, de repente, o garoto o qual ele dizia estar no balanço desapareceu, não havia mais ninguém. Ele pode ter se enganado e provavelmente o seu pai estava certo. Era a sua imaginação fértil.

— Vamos, Giulian, está praticamente tudo certo. Na próxima semana, a gente se muda pra cá. Você está feliz?

— Sim, estou... — diz o garoto um pouco acanhado.

— Oras, fique feliz. Olhe o espaço lá fora para você brincar. E esse quarto... Vamos, semana que vem a sua mãe terá uma bela surpresa.

Os três saem da casa. O vendedor com um largo sorriso pela comissão gorda que irá receber. O garoto, já dentro do automóvel do seu pai, se vira no banco traseiro e olha mais uma vez para o balanço da grande árvore, enquanto que o carro vai se distanciando cada vez mais da casa.

Não tinha nada lá, apenas o vento que empurrava o balanço fazendo a corda gemer num som repetitivo.

Mas, no clarear de um relâmpago, um garoto reaparece sentado no balanço. Suas vestes fúnebres parecem ser de uma outra época. Seus olhos negros estão fixados na silhueta do desenho que Giulian deixou no vidro da janela do quarto que lhe pertenceu quando ainda estava entre os vivos.

O garoto dá um sorriso, deixando à mostra sua boca enegrecida. Agora ele está feliz, pois finalmente, depois de 55 anos, terá um amigo para compartilhar sua solidão e, quem sabe, desvendar um crime: descobrir seus restos mortais, que foram enterrados no pé daquela mesma árvore pelo seu perverso padrasto.



A woman in a black hooded cloak stands in a stone archway, holding two glowing blue spheres. The scene is set in a dark, stone-walled environment with a blue light source behind her. The floor is tiled, and there are some objects scattered around, including what looks like a dagger and a small glowing object.

APRESENTAMOS O POEMA

SOBRENATURAL

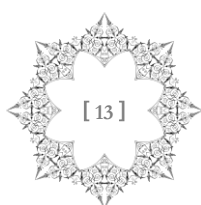
Por Augusto Filipe Gonçalves

Augusto Filipe Gonçalves, jurista de profissão e escritor por vocação. Autor do livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica e coautor de diversas antologias em Portugal e no Brasil, revistas web, bem como diversos números da Revista Projeto AutoEstima. Já fui premiado com várias menções honrosas, em diversas participações em concursos no em Portugal e no Brasil.

Apelidado também de além,
Por uns encarado de escuridão,
Por outros de bem.

É certo que é desconhecido,
Por isso apetecido,
Pois o homem é carente,
Assim é a sua mente.

Mente que é sempre aberta,
Também por isso em alerta,
Perante o desconhecido,
Quiçá por isso a todos deixa vivo.



A character with long dark hair, wearing a dark, hooded coat and a dark mask, stands in a stone archway. The character is holding two glowing blue spheres in their hands. The background is a stone wall with a blue light emanating from the archway. The floor is made of dark stone tiles, and there are several broken weapons and a hammer lying on the ground.

APRESENTAMOS O CONTO

GOLPE DE MISERICÓRDIA

Por **Guilherme Tadeu Costa da Cruz**

Alguém que está de passagem, aprecia ciência, arte, literatura e poesia. "Aparelhado para gostar de passarinhos". Residente da cidade Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Amante da vida e do universo.

É possível ouvir, ao longe, o barulho da terra sendo movimentada. Uma mão fria avança sem ímpeto para fora do lar dos vermes, com ela traz a sua irmã destra e fazem um apoio ao lado da terra fofa para trazerem consigo o corpo portador das mesmas. Em um devaneio esotérico Zara levanta-se, enquanto uma minhoca passeava por sua sobrancelha esquerda e com estranheza é retirada.

Sacode a terra, pensa estar acordando de um terrível sonho (daqueles que nos sentimos fora de nós mesmos, daqueles síncope momentos que nos desencontramos de nós em nós, e voltamos a nos reencontrar ainda mais longes, no profundo de nossos medos e angústias), mas verifica sua pulsação, olha sua roupa suja, suas unhas incrustadas de terra, recorda-se do ocorrido e leva suas mãos à barriga verificando a existência da ferida que já não doía-lhe mais, mas continuava com a mesma profundidade do momento do ocorrido.

Chocado, ameaça dar uns passos vacilantes, ele, tonto, cambaleia por entre alguns segundos encostando-se em uma lápide; reparou bem, esfregou os olhos para ler melhor, leu pausadamente, estupefato, era seu nome, verificou onde estava, concluiu... o cemitério. Depois de alguns minutos de torpor tentando se lembrar de todo o evento, surgiram-lhe duas hipóteses: ou ele estava vivo, mas deram equivocadamente o diagnóstico de morto e lhe enterraram vivo (ele conhecia os médicos daquela cidade e sabia que não teriam dificuldade em errarem) ou ele estava, de fato, morto, mas lhe deram uma chance de voltar pra fazer algo. Mas, se lhe deram a chance, quem o fez? Nunca foi religioso, não se sentia especial e sabia que não era. Nenhuma entidade lhe daria o direito de viver de novo para algum propósito. Não acreditava nem em sua própria vida, muito menos em sua morte ou no seu estado morto-vivo.

Entre as confusões de sua própria mente, ele lembra da única certeza que lhe turva a razão: o amor, ou melhor, sua amada. Ele prostra-se, e mira seu nariz na direção da cidade, caminha em seu ritmo habitual e vê passar diante dele, assombradas, algumas criaturas que o observavam com curiosidade e medo, olhando-as força um sorriso

amarelo na intenção do cumprimento em morte imitar ao da vida –mas quando a morte lhe cumprimenta, poucos são os que a respondem em vida – apavorando-as e afastando-os ainda mais. “Se em vida já era morto pra eles, agora morto os assombro”, pensou consigo enquanto terminava de bater suas mãos na calça, retirando os últimos detritos.

Alcançando a entrada da cidade, dispôs-se a entrar com a autoridade que a morte lhe dava: a segurança da vida. Passando, atentamente, pelos bares que introduziam o pequeno vilarejo, percebeu ser alvo dos olhares temerosos dos cidadãos que ali se chocavam. Aproveitando da condição de finado, olhava-os induzindo-os ao pior dentro deles e, como ninguém suporta o próprio abismo, todos corriam a fim de que os pensamentos fugissem junto com as pernas, pra bem longe, a fim de nunca mais serem encontrados.

O esmaecido recordou-se que era uma quinta e às quintas eram dias de show, portanto toda a cidade estaria na danceteria principal do lugarejo. Ele dirigiu-se, abriu lentamente às portas, percebeu sua invisibilidade mediante a parcimônia dos seguranças que entretinham-se com a música agitada, caminhou até ser acolhido pelas sombras de uma grosseira pilastra. Atento, avistou sua amada que, já estava acompanhada do rapaz que o havia matado, “nem esperou meu corpo esfriar” pensou consigo, mas por algum motivo não conseguiu sentir raiva do rapaz, apenas indiferença, pensou que essa era a consequência de estar morto: ser frio. A música terminava, ele pegou uma cerveja de uma mesa próxima sem que percebessem e foi caminhando em direção ao palco sem ser notado, ao subi-lo e escancarar sua condição, exalou a todos a necessidade de fugirem conforme reconheciam a pessoa e seu estado.

Puxou uma cadeira, sentou-se no palco, viu do rosto de Mira escorrer uma lágrima, a mesma que viu no momento em que estava a sentir o aço frio da faca em seu estômago, ajeitou-se melhor sobre a cadeira, encarou seu assassino fixamente nos olhos e via nele a mesma sensação de morte e desespero que ele sentiu ao descobrir-se vivo, quando estava morto, é como se o cemitério inteiro de seu coração estivesse sepultado em seus olhos. O

assassino, atemorizado, balbuciava apenas “como?...como?”, mirando-o na pupila foi capaz de responder-lhe:

-O aço corta a carne, não a vontade.

Sua tentativa rota de dar uma resposta conflitante foi suficiente pra fazer com que seu algoz retirasse trêmulo do estabelecimento, deixando Mira sentada, estática observando-o de perto e, com a coragem que não conhecia que tinha, ousou perguntar:

- Quem é você? – perguntou trêmula a menina

- Pensei que fosse me reconhecer, mesmo depois de morto...

- Não, claro que sei quem é você, quis dizer... É... Mas, o que é você? – interrogou descompassada

- É fácil identificar um morto quando se vê um, Mira, ele já não carrega as mesmas ambições de um vivo. Não se prega a morte para um morto, para ele a própria vida já lhe basta de consolo ou pesar, jaz com ele a ambição de viver e a necessidade de morrer de novo, mas, em verdade, te digo que em paz ninguém descansa...

Levantando-se da mesa do bar, encarado fixamente pelo dono que trazia em cada fragmento de tempo o restante daquilo que ainda não pode perder, enquanto sua amada tendia a mirar sua altivez, desacreditada do que presenciara, embora não surpresa e nem desconfortável com a presença, afinal já havia desfrutado da companhia da morte e de mortos por tantas vezes enquanto visitava o museu de suas próprias lembranças, vez ou outra, verdadeiramente, se confundia sua melancolia com o próprio cemitério da cidade, enquanto esperava ela, ansiosa, pelas palavras finais do cadáver que se punha defronte, mas ele apenas sorriu, virando-se, deixou a cerveja vazia no balcão, cumprimentou o dono e saiu pela porta ajeitando a roupa.

Embora o medo seja terrível algema, Mira sentia-se livre, levantou-se e, segurando a porta do bar surpreendendo o defunto que prestes fechar-lhe-ia, não se esmoreceu e continuou:

- Espera! Onde vai?

- Para onde sempre pertenci – ora quando nasci saí através de um buraco, nada mais justo que voltar para outro – riu com dificuldade, demonstrando a chaga aberta no abdômen que lhe escorria suavemente a cerveja já desfrutada – E, para onde vou é pedido que fique, que não vá junto.

- Como assim? Quem pede? – pergunta destemperada

- Eu mesmo, ué. A vida não deve dar atenção à morte, Mira, senão ela esquece de cuidar de si, a vida lhe basta a própria vida.

Seguiu o caminho inverso, com o destino para o cemitério, sabendo que não havia deixado nada para trás, senão a própria certeza da vida. Passou pela entrada da vila e percebeu uma senhora que, gentilmente, o observava, ele sorriu, ela o olhou com olhos que lhe sorriram de volta e ele comentou:

- Engraçado a senhora não se assustar com meu estado.

- Já vi piores, meu amigo. – comentou sorrindo a senhora.

O morto prosseguiria com seu caminhar, quando sentiu a destra da senhora tocá-lo suavemente o ombro esquerdo e, virando-se, recebeu da mesma uma modesta flor com o singelo comentário da matrona:

- A vida, como a conhecemos, é escrava e órfã do tempo, mas a gentileza, a candura e o amor são necessários aos vivos e aos mortos, sem exceção.

- Ainda sim, não consigo compreender sua serenidade mediante ao quadro. Um morto entre os vivos, minha senhora? Não acha isso no mínimo estranho?!

- Depois de todos esses anos viva, meu querido, com todo respeito, a minha pergunta seria porque há ainda tantos vivos entre os mortos?!

Ele sorriu, como não sorria há anos, daqueles que despontam nos lábios e se estendem ao coração, e achou engraçado a piada infame da necessidade de estar morto para sorrir de verdade uma última vez pela vida. Se, de alguma forma, ele recebeu a

possibilidade de voltar por um dia, ele poderia considerar sem o peso de sentir-se egoísta (porque estava tão acostumado a deixar suas vontades de lado que, quando se priorizava, sentia-se mal) que, finalmente, havia voltado para si mesmo, para poder sorrir, inclusive quando a vida, por uma última vez lhe dissesse não.

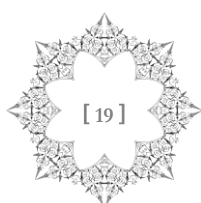
Prosseguiu caminhando até a entrada do cemitério, parou próximo ao portal, sentiu-se observado, estranhou o frio na espinha, - estava morto, nada mais podia acontecer-lhe - embora a própria ironia de sentir-se observado pela vida, exuberante e linda, que deixava o miocárdio, que já não mais lhe sanfonava, um último acorde, de esperança e saudade, na promessa de ressoar pelo infinito, nas mini orquestras que, juntas, compõem o musical da existência. Ele sorriu para ela mais uma vez, ela sorriu de volta enquanto lhe despontava do canto esquerdo do olho destro o licor da melancolia, trazia consigo todas as palavras que queria dizer, mas jamais foi capaz de dizer-las, ela guardou consigo a certeza que para os mortos não lhes bastaria somente o caixão ou o buraco, mas a vida e a saudade já lhes havia dado o pagamento que ela precisava, embora não achasse que merecesse.

Ela nunca foi boa em dizer “adeus”, embora sempre soube guardar a certeza do retorno, dessa vez ela sabia que o retorno já não mais viria, que a morte pegava aquilo que era dela – ou pelo menos que ela considerava que fosse - e lhe dava a vida como presente. Os passos do morto em direção à cova soaram como “tique-taques” de um relógio que nunca para, mas tem data certa para o despertador tocar e ela ponderava quando que seria sua hora de acordar. Ela deixou a neblina apagar a visão do cemitério e, tornando-se para o caminho de volta viu a senhora fechando sua venda de verduras, que lhe disse:

- A noite chega para todos.

- Infelizmente... – comentou pensativa

- Pois é, menina, tem mortos que nunca aprendem a viver e tem vivos que jamais aprendem a morrer...



A character in a dark, hooded cloak stands in a stone archway, holding glowing blue spheres. The character has a serious expression and is looking directly at the viewer. The background is a bright blue light coming from the archway. The stone walls are dark and textured. The floor is made of dark tiles. There are some weapons and a small object on the floor in the foreground.

APRESENTAMOS O CONTO

EU NÃO PODERIA TER CONTADO ESTA HISTÓRIA

Por Guilherme Tadeu Costa da Cruz

Alguém que está de passagem, aprecia ciência, arte, literatura e poesia. "Aparelhado para gostar de passarinhos". Residente da cidade Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Amante da vida e do universo.

O tempo escreve sobre a poeira da estrada as mais absurdas histórias – era o pensamento que me ocorria enquanto observava os carros e cavalos passando pela movimentada estrada que lançava todo pó da estrada ao ar e esperava a atendente do hotel que, gentilmente, prestou-se a me atender. Lembro-me da delícia de desfrutar um ambiente como aquele, o salão largo e bem espaçado. Um móvel de madeira rústica à esquerda do balcão de mármore da recepção e uma escada longa em formato de caracol toda em madeira envernizada. A simpática mulher aproxima-se com a chave ridiculamente comum de meu quarto, pendurada por um grosso chaveiro de madeira com o número 111 do meu quarto. Agradei-lhe o serviço prestado, ajeitei minha mochila marrom nas minhas costas, apoiando ambas as alças no ombro e subi o primeiro lance de escadas sozinho, encontrando um extenso corredor, cujo fim encontrava a porta do meu quarto pintada de roxo.

Avancei o corredor, abrindo com ligeira dificuldade a porta, que percebi estar suavemente empenada. Adentrei o quarto pequeno, mas com uma janela agradável para a mata e um espelho imenso perto da porta. Aliviei-me no banheiro e deitei-me na enorme cama de casal, colchão de molas, lençol branco com duas toalhas postas em forma de coração – pensei que havia um engano, afinal eu pedi um quarto de solteiro, mas recebi uma cama de casal e duas toalhas – espera ! – não parava por aí, encontrei ainda dois shampoos, dois condicionadores, dois sabonetes, tudo vinha dobrado, achei estranho, possivelmente se enganaram.

Resolvi não me importar muito sobre a situação, aproveitei a ocasião em que desceria para perguntar a menina da recepção se havia algum lugar que ela me indicaria para comer, ao descer, não a encontrei no extenso salão, tentei espera-la por um tempo, mas o estômago já me chamava ao dever, fui então procurar algo por conta própria. Saí pensativo do hotel questionando a hipótese de terem me ofertado o quarto errado, afinal tudo estava dobrado, a menos que tenham cogitado a hipótese de eu levar alguém, porém não fixei-me a isto. Estava faminto, vi uma espécie de mercearia a uns metros do hotel, fui em direção para procurar uma orientação. Chegando vi a modesta mercearia e um senhor com algumas sacolas que pareciam pesadas, olhou para mim e perguntou:

- Quer ajuda, meu filho?
- Queria saber um lugar para comer. – comentei tentando ser simpático – O senhor teria algum lugar para indicar?
- Ohh meu filho, comer você pode comer em qualquer lugar. Infelizmente o restaurante da cidade está temporariamente fechado. Sei disso porque sou o cozinheiro – comentou rindo baixinho
- Poxa, mas não tem nenhuma pensão ou alguém faça comida caseira?
- Venha cá, meu jovem. Me ajude a levar essas sacolas que eu cozinho para você.
- Claro, te ajudo sim, será um prazer. – tentando ser gentil

Ele entregou-me duas sacolas cheias com alguns produtos que não conseguia reconhecer (minha mãe essas horas ficaria envergonhada, mas nunca fui bom em dotes culinários), fomos caminhando em direção norte a mercearia.

- Você é carioca, né?!- questionou o misterioso senhor
- Sou sim, foi meu sotaque que me entregou?
- A língua entrega muitas coisas, meu jovem, o logradouro é uma delas – soltou enquanto gargalhava baixinho

Fiquei extremamente desajeitado com essa resposta, tentei mudar o clima da conversa:

- Então, o senhor é daqui? É cozinheiro, né?
- Sou cozinheiro sim, meu filho. No começo não gostava muito de cozinhar não, sabe?! Minha mãe sempre tentava me ensinar as coisas e não conseguia aprender...

Me espantei com a coincidência, eu vivia o mesmo drama que ele viveu, em certo ponto deu-me até esperança, afinal se ele conseguiu talvez eu até consiga cozinhar bem em algum dia. Divaguei demais, tentava retornar para nossa conversa, quando percebi que o

senhor e eu havíamos andado uma distância relativamente longa e não conseguia mais encontrar nenhuma moradia por perto, perguntei-lhe interrompendo-o:

- Sua casa está perto?

- Sim, meu filho, desculpa te incomodar e te fazer carregar esse peso até aqui, minha casa já é logo ali – disse apontando o cotovelo direito para uma espécie de monte pequeno.

- Que isso, não é incômodo nenhum. Faço com prazer.

- Você gosta de ajudar os outros, meu jovem. Isso é muito bom... Um coração bondoso é do que todos precisamos. Que sua chama jamais apague.

Estava achando absurdo que nossas conversas eram tão breves, mas a sensação é de que o espaço percorrido era cada vez maior em uma velocidade crescendo exponencialmente. De repente, aproximando-nos da colina, vimos a casa de madeira, que muito se assemelhava com a fachada externa do hotel. “Arquitetura da cidade” – pensei. Ao chegarmos próximo a porta, ele a abriu colocamos os sacos no chão e ele pediu-me para entrar, estendeu uma cadeira de madeira para mim e preparou-me em uma velocidade surpreendente uma sopa, enquanto perguntava:

- O que você quer dizer?

- Dizer?! – estranhei a pergunta

- Sim, não tem nada a dizer ou a perguntar? As pessoas geralmente não suportam o silêncio.

- Eu até que me simpatizo um pouco com ele – comentei despreocupado

- Isso é interessante – comentou enquanto colocava nossos pratos cheios de sopa na mesa

- Por que interessante? Tem gente que acha isso estranho...

- Dizem que os maiores guerreiros são capazes de enfrentar a solidão e o silêncio...

- Como assim?

- O homem capaz de vencer seus adversários na batalha pode ser vitorioso, mas só o homem que vence a si mesmo todo dia que é verdadeiramente conquistador. A solidão é a melhor ou a pior representação, a solidão e o silêncio são nossos verdadeiros fantasmas, filho.

Comia tão inconsciente que nem havia percebido que terminei, de tão hipnotizado que estava com as palavras do ancião. Quando, de súbito, percebi que ele tinha em sua destra uma marca de queimadura muito similar a que eu tinha no mesmo lugar. Questionei-lhe sobre e ele me respondeu:

- Nossas marcas são iguais porque somos iguais, filho. Nós lutamos contra o fogo e defendemos esta cidade... – ele interrompeu-se assustado e cochichou – eu não poderia ter contado esta história

- Por favor, que história é essa? Me conte isso... – pedi curioso

- É... não te trouxe à toa e nem te encontrei à toa... Sou teu fantasma do que tu poderia ter sido diante de todas as possibilidades do que não foi

- Quê?! – era claro meu tom irônico com ele – Acho que o senhor não está bem...

- Veja bem, se você se cala quando quer contar, se aceita quando quer recusar, se aprova quando quer reprovar, para onde vão todas essas decisões e renúncias?

- Nunca considerei isso... – respondi reflexivo

- São seus fantasmas das decisões que nunca foi, são as histórias que nunca serão contadas, os livros que jamais serão lidos, as cartas escritas pra ninguém, as ideias nunca concretizadas, os sonhos perdidos no vale... – cochichou então novamente – eu não poderia ter contado esta história...

- Olha, meu senhor – comentei levantando – agradeço a sopa, mas está ficando tarde e tenho de voltar para o hotel, amanhã a gente conversa mais, tá bem?

- Não, meu filho. Você pode ir, mas amanhã não estarei mais aqui. Pode até voltar, mas não me encontrará mais aqui, o destino do passado nunca foi o para sempre...

Saí assustado e com pressa, abri rapidamente a porta e a fechei, quando reparei que o número da casa, para minha surpresa, era 111 o mesmo e escrito exatamente da mesma forma que meu hotel. Voltei apressado, tropeçando nas pedras do caminho, acelerei o passo até finalmente chegar próximo a mercearia que estava fechada e segui até o hotel, adentrei-o e vi a recepcionista que havia me atendido mais cedo:

- Querida, boa noite, eu fiquei de falar contigo. Deixaram uma toalha a mais no meu quarto.

- Oi, senhor, boa noite. Qual seu quarto?

- Meu quarto é 111..

- Ah pois não, deve ter ocorrido um engano, peço já para retirar.

Agradei e estava já subindo as escadas quando recordei-me que nem o nome dela eu sabia e questionei-lhe quando ela comentou que era “Maya”, percebi que era um nome diferente, porém muito bonito. Subi, abri a porta e deitei na cama e, prontamente, dormi. Acordei zozzo no dia seguinte e percebi que se foram retirar a toalha que havia solicitado, não conseguiram. Levantei, lavei o rosto, me olhei e veio em minha mente a imagem do senhor que, por um delírio, me recordava eu mesmo em alguns traços do rosto além da semelhança da mancha. Me enfrentei no espelho, olhei no fundo dos meus olhos e achei que valeria ir atrás dessa história. Escovei os dentes, arrumei-me e descii as escadas e novamente não encontrei ninguém na recepção. Fiquei tão apreensivo em saber sobre a história que até esqueci-me de tomar café, percebi que a mercearia ainda estava fechada, pensei comigo que havia acordado muito cedo. Segui caminhando até avistar o monte, avistando-o, para a minha surpresa, não encontrei a casa do senhor ela havia simplesmente desaparecido. Gritei-o mesmo sem saber seu nome, achei que era tudo uma grande brincadeira, mas já estava tempo demais esperando ele aparecer, regressei ao caminho do hotel, quando encontrei uma senhora e uma menino e lhes questionei sobre a casa na colina:

- Bom dia, vocês sabem onde fica um senhor que mora na colina? Sabem o nome dele?

Ambos se entreolharam assustados e ela comentou:

- Casa na colina? Nunca houve nenhuma casa na colina, ninguém morou ali.

Percebi pela seriedade dela e a cara de espanto da criança que eles estavam falando a verdade. Atormentei-me e pensei estar tendo alucinações, considerei que devo ter sonhado com tudo. Resolvi voltar ao hotel, a recepcionista estava sentada, chamei-a e ela não me atendeu, retornei a chama-la inúmeras vezes, o que me parecia que ela estava me ignorando pensei tudo ser uma grande pegadinha com o “novato da cidade”, mas minhas hipóteses acabaram quando entrou um outro rapaz bem parecido comigo de mãos dadas com uma mulher, pediu a chave do quarto e, coincidentemente, a chave a ser entregue era a do quarto 111. Revoltei-me e os acompanhei até o quarto, eles o abriram com dificuldade, enquanto eu tentava processar a imensidade de fenômenos que me ocorriam, pensei em terem roubado minha mochila, quando reparei que o quarto estava arrumado com as toalhas em formato de coração, dois shampoos, dois condicionadores e dois sabonetes. Cada novo canto que olhava era um pavor, parecia que eu nunca havia estado naquele quarto até que me olhei no espelho e vi o senhor olhando de volta para mim “Eu sou você” ele comentou, mas se ele era meu fantasma da possibilidade que nunca aconteceu, então ele nunca existiu e se sou ele, também nunca existi, então eu não poderia ter contado esta história.



A woman in a dark, hooded cloak stands in a stone archway. She is holding two glowing blue spheres, one in each hand. The background is a bright blue light. The scene is set in a stone building with a tiled floor. There are some weapons or tools on the floor in the foreground.

APRESENTAMOS O POEMA

○ VISITANTE

Por Ivan Ribeiro Luiz

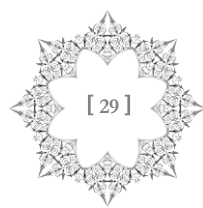
Reside em Piúma ES, é escritor, e tem escritos publicados na Universidade Federal de São João del-Rei, (6º concurso de poesias) O SENAI é o tema, (edição memória 5)

Os últimos raios do sol deixava de molestar a serra
o vento soprava espargindo folhas secas
que formavam o tapete cinzento da alameda.
no mar o fluxo e o refluxo das ondas
despediam das areias gélidas,
enquanto no limiar do horizonte o céu rubro
dava boas vindas ao eclipse lunar
da lua sangrenta.

Com o seu marchar pausadamente,
assim que o dia despedia ele chegava.
pendente no peito uma cruz que reluzia
de cabeça para baixo preso a uma corrente,
não deixando de seguir sempre o ritual:
é na calada da noite que os verdugos saciam.
Mas como tudo que é arrebatador seduz,
o seu olhar é terno e ao mesmo tempo letal
não encobrindo a sede de sangue
que era manifesta nos lábios ressequidos.
do seu corpo abronzeado exalava
uma fragrância de uma essência faltante,
seus cabelos alongados negros brilhavam
que deixava opacos os mais belos diamantes.

Metais pontiagudos adornavam sua face
transpassando suas pálpebras, e o contorno
do queixo saliente,
em compasso com a voz rouca que receava
ao som lascivo das palavras sem encobrir o místico sabor agro

de fel que escondia a língua bipartida e os dentes afiados
que eram cravados no corpo inerte
prisioneiro da sedução.



A woman in a dark, hooded cloak stands in a stone archway. She is holding two glowing blue spheres, one in each hand. The background is a bright blue light. The scene is set in a stone building with a tiled floor. There are some weapons and a small object on the floor in the foreground.

APRESENTAMOS O POEMA

DESTINOS

Por Leila Krüger

Escritora, Jornalista, Ghost Writer, Mestre em Comunicação Social e Especialista em Expressão Gráfica PUCRS. Graduanda em Letras Português/Inglês. Autora de obras publicadas no Brasil e em outros países. Idealizadora do podcast Elementar Meu Caro Watson e do projeto feminista Malalas.com. Site: leilakruger.net

dizem que as moiras são três irmãs que criam o destino.

fabricam, tecem e por fim cortam o fio da vida.

são filhas de nix, a noite.

por isso é na noite que dói mais.

as moiras trabalham, trabalham, trabalham olhando as estrelas...

e tantos destinos para tecer e cortar.

sinto-as murmurando, cansadas desses des-humanos.

será que as moiras remendam os fios?

se perceberem que é amor.

ou então elas cortam de castigo

por não serem capazes de amar.

mas talvez haja quem remende a maldade.

o sol, por exemplo.

se nós formos girassol.



A character in a dark hooded cloak stands in a stone archway, holding two glowing blue spheres. The background is a dark, textured stone wall. The character's face is partially visible through the hood. The overall atmosphere is mysterious and dark.

APRESENTAMOS O CONTO

O MENINO QUE AMAVA OS MONSTROS

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Os Fantasmas de Vênus", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Informações: Google. Instagram: @robertoschima. Contato: rschima@bol.com.br.

Japão.

Ashiken.

Kagoshima.

Amami Ōshima.

A Segunda Guerra Mundial terminara fazia alguns anos. Derrotado, o Japão estava mergulhado na miséria e caos social. Crenças e valores foram afetados. A elite militarista conduziu a nação à ruína. Para sobreviver, alguns descambaram para a criminalidade. Mesmo em ilhas afastadas, a maioria da população não se encontrava livre de bandoleiros, principalmente aqueles que vinham de fora.

Amami Ōshima, a maior ilha do arquipélago Amami, situada entre a ponta sul da ilha de Kyushu e a ilha de Okinawa, embora geograficamente isolada das principais ilhas do arquipélago japonês, não fugia a triste regra para desalento do povo que vivia da pesca e do cultivo de cana-de-açúcar, batata doce e arroz.

Era meados de junho, final da primavera.

Uma chuva persistente caía do lado de fora.

A brisa vinha ligeira do Mar da China Oriental.

O menino gostava observar a chuva sem saber o porquê. Apreciava ouvir o tamborilar no telhado e o modo como agitava as poças d'água. Tinha somente oito anos e Gonjiro Shimada era o seu nome.

Ele adoraria ser o primeiro a dizer que era uma criança igual às outras, só que não era. Coisas da genética, da própria personalidade, do convívio, traumas da guerra... Quem poderia dizer com certeza? Fato era que Gonjiro vivia no casulo de seu próprio mundo: grande, misterioso e, não raro, assustador. Mantinha viva na memória o dia em que, ao despertar, vira-se sozinho no quarto. Estava tudo escuro por causa da janela e porta fechada. Titubeante, tateara a esmo atrás do interruptor da luz, batendo contra a mobília até encontrar. Era um fim de semana e, portanto, *tinha* que ter alguém em casa! Vasculhara a cozinha e outras dependências. Olhara o quintal através da tela. Ninguém. Não possuía idade o suficiente para compreender que a mãe havia saído cedo para tentar

adquirir as mercadorias que necessitavam. Tudo o que sabia era que estava trancado entre paredes imensas e silenciosas de madeira como se não existisse mais ninguém no mundo. Chorara como nunca chorara, pedindo por um socorro que jamais chegara. Quando Miyazuru Shimada, a mãe, retornara, encontrara-o num canto perto do santuário da família, lágrimas ressequidas, abraçado aos joelhos, quieto, olhos arregalados a temer os monstros que habitavam o interior dos armários, no poço, sob os *tatamis* ou em meio às sombras da floresta. A mãe não pudera protegê-lo. O pai fora morto no conflito em Okinawa. Estava só.

Gonjiro não sabia dizer por que não era feliz ou por que não conseguia relacionar-se com as outras crianças, afinal, estas também passaram por dificuldades semelhantes. Apenas acontecia. E, quanto mais dele debochavam, mais introspectivo se tornava e mais se apegava a um mundo interior o qual, a seu ver, adquiria mais consistência do que aquele que o rodeava.

Mergulhava nos desenhos animados, nos *mangás*, nos seriados. Invariavelmente, eles tinham algo em comum: os monstros. Fossem sobrenaturais, radioativos, do espaço sideral ou até os que já existiram ou existiam como os dinossauros e as criaturas abissais. Nutria sentimentos ambíguos por eles. Apavoravam-no, mas, ao mesmo tempo, sentia admiração.

Em vez de serem assustados, assustavam.

Em vez de serem indefesos, atacavam.

Em vez de temer, eram temidos.

Possuíam todas as formas e tamanhos e não se originavam apenas em território nipônico: robôs, zumbis, múmias, dragões, gárgulas, vampiros, alienígenas, lobisomens, assombrações, seres mitológicos, homem das neves, monstro de Loch Ness.

Desde esqueletos ambulantes a criaturas maiores do que edifícios, Gonjiro, não obstante o medo, os amava, pois, por mais apavorado que ficasse ante aqueles olhos medonhos, uivos arrepiantes e o rastro de destruição que deixavam no papel ou nas telas, nunca, de fato, haviam feito mal a ele.

Um dia, ao retornar da escola após a costumeira sessão de *bullying* por parte dos colegas, estranhou que a casa estivesse toda aberta. Ainda chovia e ele correu para dentro.

Ao pisar na sala, ouviu o ruído de algo pesado caindo.

— Mamãe?

Quando entrou no quarto, deparou-se com uma cena terrível: a mãe caída no piso de tábuas, em meio a uma poça de sangue. Gavetas foram abertas ou arrancadas e os conteúdos esparramados. Todos os seus pesadelos envolvendo monstros nada significaram diante daquilo. Correu para ela, porém, a meio do caminho, foi agarrado por um homem grande e mascarado.

— Chegou cedo demais, fedelho.

Foi a voz mais horrenda que ele ouviu em toda a sua curta vida. Tentou gritar, mas uma mão enorme tapou sua boca. Chorando, clamou e clamou pela ajuda dos monstros. Mas eles não vieram em seu auxílio. Talvez tivessem medo. Medo? Sim, medo. O pavor diante de um monstro pior do que qualquer criatura que Gonjiro tivera conhecimento. Horrendo, desprezível e totalmente humano.

O menino esperneou e estremeceu diante do contato frio e penetrante da lâmina da adaga em sua barriga. Algo quente escorreu por suas pernas. A dor chegou feito ondas cada vez mais furiosas até se tornarem um *tsunami*.

Então, veio a calma e seu corpo parou de se debater.

Gonjiro era jovem demais e nunca pensara na morte, exceto diante das cinzas do pai. Tudo o que podia imaginar a respeito disso era que se assemelhava a um sono sem fim, o vazio da saudade que deixava e que a morte, quando chegava, só atingia as pessoas mais velhas, segundo sua mente de criança.

Todavia, o mundo real não era assim.

Gonjiro, o garotinho de oito anos, morreu na mão do assaltante.

A história de mais um crime sem solução poderia ter se encerrado assim...

... Mas não foi.

Gonjiro... Acorde!

Era a voz que vinha de toda parte e de parte nenhuma.

Acorde!

Gonjiro abriu os olhos — assim pensou —, mas não possuía mais olhos.

Quem é? — perguntou, temeroso.

Desculpa por não termos ajudado.

Quem é? — repetiu.

Somos os monstros.

Gonjiro Shimada sentiu o medo percorrer-lhe a espinha, embora espinha não tivesse mais.

Estava tudo tão escuro.

Ele morria de medo do escuro.

Mamãe!

Não tenha medo. Nós sabemos. Sentimos muito. Porém, agora ela está a salvo e em paz da crueldade dos homens.

Não tinha lágrimas para enxugar.

Posso vê-la?

A seu tempo, sim. Agora, você tem um dever a cumprir.

Dever?

Apesar do temor, pensou nas lições de escola. Se tivesse um rosto, teria feito uma careta.

Os monstros prosseguiram:

Pode pensar não como um dever de casa, mas um tipo de brincadeira.

O que é?

Ouçá...

Era de madrugada.

No vilarejo de Buren, uma tempestade de verão açoitava as cabanas de madeira. O braço de mar encrespara-se, e, nos arredores, a exuberante floresta farfalhava. Grous e salamandras refugiavam-se como podiam. A lavoura agradecia.

Deitado em uma ocidental cama de solteiro, o assassino pestanejou.

"Por que aquele moleque apareceu justo naquela hora?"

Fazia três semanas que o crime ocorrera e, desde então, não conseguira deixar de pensar nisso.

Não bastava a mulher ter reagido de forma totalmente adversa da que ele esperava? Fizera campana perto da casa deles, observara seus hábitos. Pretendera invadir o lugar quando somente ela estivesse, surpreendê-la, roubar aquilo que pudesse, deixá-la amarrada e amordaçada e dar o fora. O garoto voltaria da escola e a soltaria. E pronto! Mas não, ela tinha que ter feito escândalo, reagir, atirar-lhe coisas, berrar feito doida por socorro, morder seu braço. Não teve jeito e acabou golpeando-a com a arma. Podia tê-la esmurrado para somente desacordá-la? Podia, mas naquele momento, quem conseguiria pensar direito com todo aquele alvoroço e a dor? Ademais, sentira muita raiva das coisas que ela xingara. Nem quando se rendera aos americanos fora tão humilhado. Tanto trabalho para, no final, descobrir que ela tinha pouquíssimas coisas de valor. Depois, aparecera o pivete. Aí, o caldo entornara de vez.

— Não era para ser assim. Não era! Agora já foi...

De repente, o bandido escutou um ruído.

— Que porcaria...?

A princípio inaudível, o som ganhou volume, sobrepondo-se à chuva e soou aos seus ouvidos como um par de mãos a arranhar a madeira. Sabia disso de seu tempo de prisioneiro de guerra, pois tivera um sujeito que ficava ao seu lado, cuja sanidade perdera-se durante os bombardeios, e possuía essa mania de raspar o piso, o que o deixava doido de ódio.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

— Quem?

Vasculhou o quarto e toda a cabana, entretanto, não havia ninguém.

De repente, ele notou algo estranho: o ruído aparentava vir de toda parte e não somente do quarto.

Do rádio.

Das paredes.

No travesseiro.

No forro da casa.

Embaixo da cama.

No fundo do armário.

No vaso com o *bonsai*.

Em cima das luminárias.

De dentro das tubulações.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

Como podia ser?

Era um barulhinho irritante. De irritante, tornou-se inquietante e, enfim, assustador.

Vinha de dentro dele próprio também!

Unhas e unhas arranhando seu crânio de dentro para fora.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

— AAAAAHHHHH! — gritou o assassino, pressionando a cabeça com ambas as mãos.

Foi cambaleando até o banheiro e lavou o rosto com água gelada. Um alívio momentâneo. Assim que mirou o espelho, em vez de seu reflexo, avistou uma tela negra no centro da qual se projetava um rosto descarnado que bateu de encontro ao vidro. Ele escorregou no piso molhado e bateu com a nuca na borda do *ofurô*. A dor reverberou na cúpula sobre seu cérebro e os ruídos de raspagem tornaram-se mais altos, quase ensurdecedores.

RASP!... RASP!... RASP!... RASP!...

— Não! Não!... NÃÃÃOOO!

Foi quando aconteceu o blecaute.

O ar frio da noite tornou-se gelado.

A ventania rugiu por todas as frestas.

Um trovão fez toda a cabana estremecer.

De dentro da escuridão fantasmagórica, algo veio rastejando e cravou as unhas profundamente nas pernas do criminoso. Elas afundaram na carne: mais, mais e mais.

A última coisa que o homem escutou antes de desmaiar foi o som de uma risada.

Um riso de criança.

Aquele menino que um dia fora Gonjiro aterrorizou seu matador noite após noite durante meses e de todas as formas que as recordações da criança pudessem alcançar através dos *mangás*, desenhos animados, seriados e filmes que assistira.

Até que chegou uma noite na qual o vilão viu-se encurralado, enquanto sua adaga flutuava a alguns centímetros de sua barriga. Beirava a loucura e pesava a metade de quando invadira a residência da criança do outro lado do mar, em Ashiken. Seus olhos estavam vidrados e uma baba viscosa escorria da boca.

Na dimensão em que se encontrava, o menino ouviu aquela voz feita de inúmeras vozes.

Os monstros.

Gonjiro!

O que é? — respondeu impertinente e cheio de fúria em relação àquele homem.

O que pretende fazer?

Cansei da brincadeira.

O QUE PRETENDE FAZER? — insistiram com veemência.

Depois de um tempo que o menino não soube medir, caiu em si. O que faria com a arma?

A adaga que ora flutuava foi a chão num baque amortecido sobre os *tatamis*.

O bandido também desabou rente a parede, desfalecido. Não passava de um farrapo.

Sim, Gonjiro caiu em si. O menino indefeso e solitário não se encontrava mais sozinho, não era mais indefeso e, como aqueles que agora o acompanhavam, tornara-se o monstro que um dia amara e temera. Porém, foi detido a tempo de não se tornar um verdadeiro e terrível monstro, como aquele que no chão ficara em meio aos próprios excrementos.

Venha, Gonjiro, venha.

Aonde?

Você cumpriu seu dever. Agora, reencontrará Miyazuru Shimada, sua mãe.

Instantaneamente, viu-se de novo na margem oposta do braço de mar, em sua casa, agora em ruínas.

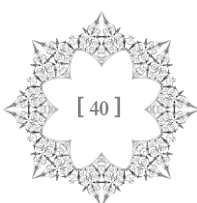
E o riso ecoou novamente entre as quatro paredes, desta feita, de felicidade.

Amami Ōshima.

Kagoshima.

Ashiken.

Japão.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI